

1. Pedro Miguel Cuano ; 2. Mafuamau Álvaro

A percepção social dos pais sobre as causas do desvio comportamental dos adolescentes.

1. Licenceado em Psicologia de Educação e mestrando em Psicologia Social em Faculdade de ciencias sociais da Universidade Agostinho Neto –Angola
2. Doutorando em Administração e Supervisão Educacional, mestre em Organização e administração escolar e Licenceado em Psicologia de educação.
(mafuamauvalvaro2gmail.com).

Resumo

O presente trabalho visa analisar a percepção dos pais sobre as causas do desvio comportamental dos adolescentes do Bairro Papelão no Município do Uíge. O mesmo teve como referencial teórico a teoria interacionista sobre o comportamento, conforme a abordagem de Howard Becker e Zassala. Visto que, a teoria interacionista estabelece o controlo social como essência do desenvolvimento comportamental a partir do processo de interação entre os envolvidos. Os adolescentes cometem pequenos ilícitos e estes se perpetuam na ficha criminal e histórica social da pessoa por toda a sua vida, mesmo que ela mude seu jeito de agir, parando de executar os delitos. Utilizou-se neste estudo a abordagem qualitativa. Participaram no estudo 5 sujeitos, foi aplicada aos sujeitos uma entrevista semi-estruturada, cujos dados foram submetidos à análise de conteúdo (através do Software Nvivo 12). A média da idade dos participantes foi de 43 anos, A análise dos resultados mostra que o desvio comportamental dos adolescentes do município do Uíge é resultante de algumas causas como: a falta de acompanhamento dos pais e encarregados de educação, as condições sócio económico das famílias, os vários grupos onde estes convivem, deixando-se levar pelas influências do meio onde os adolescentes convivem. Realmente, os mesmos apresentaram-se como um processo complexo que compromete o futuro dos próprios adolescentes. Concluiu-se que, são várias as implicações que este estudo aporta quer para a teoria interacionista sobre o comportamento, quer para a compreensão da interação humana, tendo em vista a maneira como os adolescentes hoje comportam-se.

Palavras-chave: percepção social, pais, desvio comportamental adolescentes.

Abstract

The present work aims to analyze parents' perception of the causes of behavioral deviation among adolescents in Bairro Papelão in the Municipality of Uíge. Its theoretical reference was the interactionist theory of behavior, according to the approach of Howard Becker and Zassala. Since, the interactionist theory establishes social control as the essence of behavioral development based on the process of interaction between those involved. Adolescents commit minor crimes and these remain in the person's criminal record and social history throughout their lives, even if they change their way of acting, stopping committing crimes. The qualitative approach was used in this study. 5 subjects participated in the study. A semi-structured interview was administered to the subjects, the data of which were subjected to content analysis (using Nvivo 12 Software). The average age of the participants was 43 years old. The analysis of the results shows that the behavioral deviation of teenagers in the municipality of Uíge is the result of some causes such as: lack of monitoring by parents and guardians, the socio-economic conditions of families , the various groups where they live, allowing themselves to be influenced by the environment in which the teenagers live. In fact, they presented themselves as a complex process that compromises the future of the adolescents themselves. It was concluded that there are several implications that this study brings both to the interactionist theory on behavior and to the understanding of human interaction, taking into account the way in which teenagers today behave.

Keywords: social perception, parents, adolescent behavioral deviation.

1. Introdução

No nosso dia-a-dia, deparamo-nos com inúmeros casos de factores psicossociais manifestado no quadro de comportamentos desviantes, sendo em grande parte protagonizados por adolescentes e jovens, principalmente da faixa etária dos 12 à 25 anos de idade, isto porque em cada dia que passa, as famílias estão cada vez mais longe do seu papel social.

Ainda às problemáticas no decorrer da adolescência, surge muitas das vezes os comportamentos desviantes e a delinquência juvenil. Por um lado, esta conduta encara o adolescente como vítima das adversidades e do contexto onde se inseriu e inseri o seu desenvolvimento, por outro lado, é igualmente aceite que este percurso desviante constitui-se como uma condição necessária para o desenvolvimento do adolescente, aparecendo assim, como estratégia para a solução de conflitos decorrentes dos processos de socialização, com o fim último da adaptação. (AGRA, 1986).

O diálogo mantido com os adolescentes e jovens detidos por comportamento desviante numa das esquadras do bairro papelão no município do Uíge, mostram relato de histórias de vida com maus tratos, problemas de comunicação e de relação afectiva entre os adolescentes e as suas famílias.

Quando não há sentimento de pertença e motivação para se envolver no ambiente do qual faz parte, seja escolar ou familiar, o adolescente e jovem, não consegue criar padrões comportamentais e competências sociais, com maturidade que lhe permitam distinguir comportamentos adequados de inadequado. (FONSECA, 2000).

Os comportamentos desviantes, muitas das vezes são o resultado da dificuldade que os jovens sentem em ultrapassar os obstáculos inerentes a esta fase de desenvolvimento. Portanto a escassez de métodos sociais capazes de moldar e harmonizar no seio juvenil, principalmente a parte desempregada, sobre como devem ultrapassar os seus problemas do dia-a-dia, preocupa a sociedade em geral. A perda do hábito do diálogo entre os membros de uma mesma família, constitui graves problemas que deixa grande parte da camada juvenil de forma desapercibida e abandonada, gerando factores de comportamentos psicossociais negativos que os possa afligir no seu modo de vida.

2. Desvio comportamental

Comportamento é qualquer ato externo ou interno, de um organismo que seja observável e mensurável. (KEARNEY, 2008).

O desvio comportamental é definido como uma conduta diferente daqueles que são comuns e culturalmente aceites, ou cuja expectativa não corresponda às normas da sociedade em que o indivíduo se insere. De certa forma, o termo carrega em si uma conotação negativa, no entanto, um simples indivíduo que se exceda para além dos seus padrões sociais pode ser enquadrado neste contexto. (WEITEN apud Pessos, 1989).

Os desvios de comportamento são definidos pelas normas sociais próprias de cada cultura. O que é adequado e aceite numa poderá não o ser noutra. Alguns dos exemplos mais comuns de desvios de comportamento actuais são o homicídio, o roubo, a delinquência, a homossexualidade, a prostituição e a toxicodependência.

Para LEMERT (1974), o desvio pode ser entendido sobre duas ópticas: O primário e o secundário. Naquele, o desvio se dá com a primeira acção desvirtuada do indivíduo (o delito inicial), cuja a efectivação pode ter se dado por qualquer necessidade íntima ou pessoal. Ao passo que, o desvio sobre a óptica secundária diz respeito a inserção no mundo delituoso, com a reincidência criminal o que se dá partindo dos influxos da rotulação ou etiquetagem, isto é, o indivíduo, após tornar-se reincidente, é alocado num lugar em que passa adquirir um novo status irremediável, o de desviante social.

Autores mais recentes, como Bandura e Ross, debruçaram-se sobre a influência de percepções visuais da televisão e do cinema na aprendizagem de comportamentos com carácter desviante. As conclusões foram claras: o comportamento desviante aumentava substancialmente com a exposição dos sujeitos àquelas situações.

Para AGENTON, S, (1985) O problema dos desvios de comportamento tem implicado, desde há muito, dilemas de explicação entre factores biológicos e do meio. Os desvios de comportamento têm sido referidos indistintamente como doenças, desordens mentais ou psicológicas.

“Uma outra questão têm sido os julgamentos estereotipados dos sujeitos que apresentam desvios de comportamento: os desvios são considerados sinais de fraqueza da personalidade, incuráveis, perigosos, violentos ou bizarros, o que obviamente não se verifica na maior parte das circunstâncias”. (WEITEN, 1989)

2.1.Incidência do comportamento desviante

O Nacional Instituto of Mental Health (NIMH) em 1979, deu início ao maior e mais sistemático estudo de entrevista sobre problemas de psiquiátricos nos estados Unidos, abrindo 20.000 lares em 5 cidades REGIER et al., (1984). Os pesquisadores do NIMH verificam que 19% dos adultos sofriam de pelo menos um distúrbio mental, com forma definido no DSM-II, em um período de seis meses.

O estudo do NIMH sugere que homens e mulheres têm índices comparáveis de comportamento desviantes. Os homens, entre tanto, têm uma probabilidade muito maior do que as mulheres de abusar de drogas ou álcool e de se engetar em crimes. As mulheres são mais inclinadas a diagnósticos de depressão e relatam muito mais fobias.

Segundo WEISSIMAN et al., citado por DAVIDOFF (2001), a condição mental das pessoas é influenciada por diversos factores:

- ✓ *Idade*: no estudo do NIMH, a juventude parece problemática. Os índices mais altos da maioria dos distúrbios psiquiátricos (principalmente distúrbios por uso de substâncias) são encontrados entre os jovens.
- ✓ *Seguranças financeiras*: as pessoas que recebem assistência médica do governo, têm de duas a três vezes mais probabilidade de ter problemas mentais, em comparação com indivíduos mais abastados, provavelmente porque as pessoas em situação financeira precária têm menos amigos para as apoiar e menor auto-estima e são menos activas para lidar com a situação (ROGERS. C. R, 1985).
- ✓ *Zona rural*: as descobertas do estudo do NIMH são consistentes com a ideia de que as cidades são emocionalmente menos saudáveis que as áreas rurais (Blazer et al., 1985). Os habitantes da zona urbana apresentam índices ligeiramente mais elevados de distúrbios (principalmente depressão e problema com drogas) que aqueles que vivem na zona rural.
- ✓ *Nível de escolaridade*: os indivíduos com curso superior apresentam índices ligeiramente inferiores de problemas que aqueles com níveis de escolaridade inferior.

2.2. Teoria interacionista de Howard Becker sobre o comportamento

Para a Enciclopédia de Significados (2011-2023). O comportamento do pnto de vista psicológico, e numa aceção mais geral, este termo designa a conduta que um indivíduo aprsenta face a um determinado estímulo, ou seja, por outras palavras, é o modo de reagir de um sujeito em determinadas circunstâncias. Em sentido restrito, esta reacção é sempre motivada.

A teoria interacionista estabelece controlo social como essência do desenvolvimento comportamental a partir do processo de interação entre os envolvidos. O jovem comete pequenos ilícitos e estes se perpetuam na ficha criminal e histórica social da pessoa por toda a sua vida, mesmo que ela mude seu jeito de agir, parando de executar os delíto.

Assim, o círculo viciante, considerado por Becker, é incorporado pelo sujeito rotulado e taxado como tal após o desvio de conduta inicial, que muitas das vezes apenas é defenida como deliquência por aqueles que realizam a valoração do desvio: a sociedade estabelecida.

O desvio não é uma qualidade simples, presente em alguns tipos de comportamentos e ausente em outros. E antes o produto de um processo que envolve reacções de outros pessoas ao comportamento (BECKER, 2008).

BECKER, caracteriza quatro tipo de comportamentos observados no meio social, criativo imposto pela própria sociedade, assim, julga a sociedade pelos vários comportamentos, qual sejam, os considerados “comportamentos apropriados”, o qual o indivíduo seque as regras impostas socialmente; outros cujo comportamento é considerado desviantes distos como “desviante puro”, o qual o indivíduo desobede-se a regra e é percebido como agente infrator; “Falsamento acusado”, na qual a pessoa é vista pelos outros como se tivesse cometido algo errado, mas na verdade não cometeu; por fim o “desvio secreto”, aquele no qual o indivíduo comete o acto impróprio, mas não é percebido ou não há reacção como uma violação das regras. Logo, BECKER observa como o crime é construído socialmente, devido a reacção social e tenta traduzi-lo por categorias, sendo quatro tipos teóricos: comportamento apropriado, o desviante puro, o falçamento acusado e o desviante secreto.

2.3.Ser adolescente nos dias de hoje

O termo adolescência deriva da palavra em latim significa “tornar-se adulto”. É considerado um período de transição em que a criança se torna um adulto. A adolescência dura aproximadamente uma década, desde os 11 ou 12 anos até aos 19 ou 20 anos. Nem o início nem o fim da adolescência são claramente marcados. (MOREIRA, 2017).

A adolescência é geralmente considerada como tendo início com a puberdade, o processo através do qual o indivíduo atinge a maturação sexual ou fertilidade, a capacidade de reprodução. Antes do século XX, nas culturas ocidentais, as crianças entravam no mundo adulto quando amadureciam fisicamente ou quando iniciavam uma formação profissional (Idem).

Atualmente, ser adolescente é viver em um mundo em transição, com variados modelos sociolaborais de referência para guiar a construção da vida, tanto aqueles mais tradicionalmente constituídos quanto os mais contemporâneos (BIRMAN, 2006; Lehman et al., 2006).

Temporalidade da juventude modificou-se de forma significativa, seja na transformação da infância que a precede, seja na vida adulta que a sucede, gerando um alongamento da adolescência, por seu início antecipado e sua finalização estendida e indefinida. As consequências diretas disso são a desvalorização da maturidade e da velhice, entendidas como diminuição da produtividade ou estagnação, e o encurtamento da infância e da velhice. (BIRMAN, 2006).

A adolescência nos dias de hoje, deve ser concebida como tempo de suspensão na tentativa de tornar o adolescente independente, que tem condições de ser adulto, mas não está autorizado psicossocialmente a sê-lo, ou seja, um tempo de transição com duração desconhecida, gerador de frustração pela moratória e a imposição de uma felicidade pela idealização da adolescência. No entanto, a questão central não é quando começa a adolescência, e sim quando se sai dela. (CALLIGARIS, 2000).

Ao mesmo tempo, uma parte dos adolescentes vive uma falta de limites, com o declínio da autoridade parental e dos interditos próprios desta e dos representantes paternos, e uma cobrança para seguirem as normas sociais, por exemplo, ter sucesso profissional; ou os

jovens são supercuidados e, ao mesmo tempo, deixados à deriva, em uma economia dos cuidados igualmente ambígua. (BIRMAN, 2006).

No contexto difuso atual, haveria duas qualidades subjacentes importantes postas ao adolescente pelo mundo adulto: ser desejável e ser invejável. Em outras palavras, um adolescente deve enfrentar dois pontos centrais na sua vivência atual: o sucesso nas relações amorosas e sexuais e a conquista do poder, o que o levaria às crises contemporâneas, intensificadas pela enorme exposição a que estão submetidos nas redes sociais virtuais. (MARCELO *et al.* apud Calligaris, 2000).

Vale salientar que esses também são dois objetivos centrais para os adultos, que igualmente enfrentam dificuldades para compreender e alcançar tais ideais sociais, que são redirecionados aos jovens. Dessa maneira, é trazida, então, uma das questões já postuladas: o que diferenciaria o adolescente do adulto na atualidade?

As diferenças estão cada vez mais difusas, mas há uma característica que parece aproximar os dois momentos de vida com impactos distintos para ambos: uma dificuldade enorme de compreender o que o mundo deseja e, conseqüentemente, como agir no mundo, a partir de escolhas e projetos, e como se projetar no futuro.

SANTROCK, J (1996), na sua obra, *Adolescência*, descreve o seguinte: “é necessário compreender que muitas vezes, não temos uma consciência clara das nossas atitudes, nem do modo como as nossas atitudes e expectativas influenciam o nosso comportamento; razão pela qual somos capazes de dizer uma coisa e fazermos outra; como professores, as nossas atitudes face à aprendizagem irão determinar as condições que criamos para a aprendizagem na sala de aulas”.

Por outro lado, a maioria dos problemas dos adolescentes e jovens de hoje são derivam dos próprios adolescentes e jovens: os adolescentes e jovens, precisam de acesso a uma ampla variedade de oportunidades e de apoio longo prazo dos adultos que se preocupam com eles. (Ibdem).

Uma das tarefas essenciais do indivíduo na adolescência é chegar a uma autodefinição e à valoração e segurança pessoais. O adolescente deve alcançar sua identidade, que se expressa como um comportamento próprio e constante, e a fim de permitir que os demais possam rever em parte as suas ações e obter autonomia suficiente para agir sem necessidade de recorrer à autoridade e ao apoio afectivo de seus pais.

É uma pessoa, um indivíduo que precisa ser conhecido como tal. Não quer e nem deve ser considerado filho ou filha de alguém. (MARIA, G & JOSÉ, M, 2011).

O desenvolvimento da identidade pessoal é um processo lento e gradual que começa na concepção e implica auto-conhecimento. O sujeito está conciente até certo ponto de si e de suas possibilidades e capacidade; porém o mais próprio e íntimo de sua pessoa lhe é desconhecido e só se revelará com o tempo, no decorrer dos ciclos vitais.

Segundo Erik Ericson citado por MARIA, G & JOSÉ, M (2011), denomina “integridade” a continuidade que o ser humano persegue durante todo o seu ciclo vital.

Para este autor, o processo da identidade, consiste numa configuração gradual que integra as qualidades herdadas, as necessidades pulsionais, as habilidades e capacidades, as significações representativas, as defesas, e sublimações eficazes e papéis consistentes que se estabelecem desde a infância por meio de sucessivas sínteses do ego. A identidade, refere-se a consistência que caracteriza um indivíduo, apesar das mudanças que o corre no tempo, a medida que ele avança pelos diferentes papéis desempenha na vida.

A formação da identidade na adolescência realiza-se a partir das identificações anteriores, infantis, que se integram a outras. As identificações com os pais mantêm o seu significado, embora sejam acrescentadas a elas identificações com figuras ideais, com amigos e companheiros e até mesmo inimigos (identificação com o agressor temido).

A formação da identidade implica não só estabelecer identificações com as pessoas, mas também com grupos, e é exatamente na adolescência que estas últimas adquirem significado. Assim, as identificações com grupos religiosos ou políticos, com determinada classe social ou subcultura, entre outras, somam-se a identificação com a família como unidade com as suas normas e costumes. (THEODOR citado por MARIA, G & JOSÉ, M, 2011).

A desorientação própria do adolescente está ligada à busca de modelos e seu processo de identidade. O jovem, que não é criança, mas também não é adulto, pretende ser o que ainda não é e não admite ser o que ainda é.

Há casos que a necessidade de adquirir uma identidade segue um curso patológico, porque o jovem não encontra identificações positivas em seu meio familiar e social. Erik Erikson denomina “identidade negativa” a escolha do adolescente que, ao não encontrar em seus pais ou em seu meio social figuras claras e positivas para identificar-se (como, por exemplo,

caso o pai seja uma figura fraca e a mãe muito repulsiva), recorre a figuras negativas, embora definidas de seu meio, as quais edealiza.

Um ladrão pode trnsformar-se em um ideal ou modelo pessoal a imitar, já que, através da identificação, o adolescente atribui-lhe valor, coragem e capacidade de ariscar a vida permanentemente. Nos grupos ou gangues de delinquentes juvenis, esse tipo de identificação negativas é frequente. A lógica subjacente pode ser expressa da seguinte forma: “É preferível ser alguém até mesmo um membro de uma gangue, a não ser ninguém”.

Finalmente, não podemos compreedder a problemática da busca da identidade por parte do adolescente sem considerar uma característica típica dessa idade, que está estreitamente ligada a esta busca: a rebeldia.

Com o despertar da personalidade, o adolescente toma consciência de ser alguém dos demais, e o afã de autoafirmação e diferenciação leva-o em inumeras oportunidades a rebelhar-se contra autoridade e a desconfiar duque os outros dizem, especialmente os pais por serem representantes do mundo adulto. (MARIA, G & JOSÉ, M, 2011).

Nas últimas décadas, têm emergido várias noções de adolescência e de juventude com vista a promoção de acções políticas direccionadas para o desenvolvimento e a protecção e a promoção das diversas condições sociais nas quais se inserem os adolescentes e os jovens. Da mesma forma que a infância e a idade adulta, adolescência e a juventude são resultados de construções de significados socioculturais próprios de determinados contextos e épocas.

Em quanto fronteira etária, da análise das categorias adolescência e a juventude são mais claras, pós adolescência é o período que ocorre entre os 11-12 e os 18 anos e a juventude entre os 15 e os 29 anos.

Desta forma, a idade é uma constante e permite um olhar mais homogénea e mais universal sobre estes grupos. O mesmo não acontece quando são analisadas variáveis sócias, culturais, históricas, relacionais e económicas dando conta da complexidade por diversidade entre sujeitos, enfatizando-os como sociais heterogéneos (PAIS, 2000), com atributos sociais que diferenciam os adolescentes e os jovens uns dos outros.

Segundo Fundo das nações Unidas para população; UNFPA, (2005), a experiência da adolescência e da juventude dependem de vários factores como o sexo, o local onde se vive, o contexto sociocultural, as circunstâncias económicas e o estado civil. Assim, estes novos

olhares, incentivados pela confluência de uma multiplicidade de abordagens disciplinares, remetem para a necessidade de conceber diferentes tipos de adolescência e juventude, classificando a sua complexidade e variedade. Não existe apenas um percurso pelo qual os adolescentes e os jovens passam, mais sim uma variedade de percursos.

Convencionalmente, considera-se que adolescência e a juventude se localizam entre a infância e a fase adulta. Toda via, a fronteira entre o que é adolescência e o que é a juventude é muito ténue, apresentando delimitações não integralmente claras entre ambas e que, frequentemente, estes dois conceitos sobre o assunto, são aplicados e analisados como sinónimo e até como significados idênticos, o que dificulta, ainda mais, todo este processo de análise.

LÉON, (2005), justifica esta situação relacionando áreas disciplinares distintas, isto é, enquanto à psicologia tem sido atribuída a responsabilidade analítica da adolescência, na perspectiva de análise e delimitação partindo do sujeito particular e seus processos e transformações como sujeitos, as outras disciplinas das ciências sociais (sociologia, Antropologia cultural, História Comunicação, entre outras) têm-se debruçado sobre a categoria de juventude.

Apesar da dificuldade em demarcar fronteiras claras, pelo uso indefinido de ambos os conceitos como sinónimo e pela variedade cultural, social e histórico dos indivíduos, explorar-se-á cada um destes processos do ciclo vital separadamente: a adolescência e a juventude.

3. .Algumas Cauas do desvio comportamental

O desvio significa uma resposta comportamental de indivíduo que não atendem às normas socioculturais. A adequação e inconsistência das acções às expectativas da sociedade é determinada pelo desvio na sociedade. Um pessoa, o sujeito é caracterizado por desvio na resposta comportamental, outro por defeitos na estrutura da sua propria psique.

3.1.A influência dos grupos

Define-se o grupo como pluralidade de indivíduos que estão em contactos uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum. (PIRES, E. L, 1991).

O comportamento desviante dos adolescentes, que funciona em oposição à dos adultos, baseia-se na procura de um prazer imediato na negação, na perversidade, no desafio. O grupo que se forma pretende ser autónomo em relação ao exterior. Desenvolve-se uma grande solidariedade e tudo o que é externo ao grupo é vivido de modo diferente.

A realidade que os educadores devem ter hoje muito presente é a acção dos grupos em que os educandos estão inseridos: com a sua “moral”, juízos de valores e ideias modelam de um modo quase observante a personalidade dos membros. Daqui a importância dos grupos e da acção eficiente e lúcida com relação a eles. Educando sem grupo é, hoje um órfão; e sem um bom grupo e um mão órfão. (VEIGA, A, 2008).

Se os jovens adaptam um comportamento desviante, é porque existe no interior deles uma subcultura na qual o acto de delito é tolerado ou mesmo encorajado. Com efeito, quando se observa adolescentes nos bairros que apresentam uma forte desorganização, constata-se que na qual a delinquência (comportamento desviante), é aceite como uma conduta normal. Esta constatação foi largamente confirmada desde então, e de comportamento mantêm-se constantes em toda a grande delinquência. (Shaw & Mc Kay apud FONSECA, C, 2005).

Para Sutherland, apud FONSECA, C (2005). Os adolescentes com comportamentos desviantes, juntam-se porque partilham certas normas de conduta que lhe são reforçados pelos outros. Indivíduos imensos na mesma cultura e no mesmo processo de socialização vão, portanto ter tendência para enriquecer o seu repertório comportamental no sentido dos valores veiculados no grupo.

3.2.Mudança de atitude

EAGLY, S. (1983), afirma que existe uma fonte de persuasão que desempenha um papel importante na mudança de atitude, principalmente quando as pessoas não estão altamente motivadas para processar as informações e reflectir. A credibilidade da fonte é de fundamental importância inicialmente. Com o passar do tempo as pessoas concentrasse na própria mensagem os psicólogos chamam o aumento gradativo da força da mensagem persuasiva de efeito adormecido. É um fenómeno constante, comprovado a muitos laboratórios.

ROGERS & MEWBORN, (1976), defendem-nos que despertar maus sentimentos é então mostrar as pessoas como se livrar deles, é outra tática bem-sucedida de mudança, embora possa ter um efeito contrário. Ou seja, se um nível muito alto de ansiedade é despertador as pessoas podem se sentir tão ameaçadas que afastam da mente toda a experiência “incluindo a nova atitude”.

Com questões de saúde e segurança “como beber e dirigir, fumar cigarros e ter higiene dental”, as mensagens que despertam muito medo têm sido agentes mas poderosos na mudança de atitudes que aqueles que não despertam tanto medo com tanto que as pessoas saibam como agir para atenuar seus medos.

A mudança de atitude torna-se mas provável quando o envolvimento pessoal da população alvo é intensificado. Uma tática comum de compromisso é ligar a nova atitude a um importante grupo de referência para audiência. (Ibdem)

Se existe pouca justificativa para a realização do comportamento contrário as suas convicções íntimas, a magnitude da dissonância são maior do que quando há razões ponderáveis para tal. Ora, uma recompensa pequena, mas suficiente, para levar a decidir-se por comportamento contra-atitude é, certamente, razão menos ponderável que uma recompensa substancial para a sua realização. A maneira de reduzir a dissonância experimentada por uma pessoa nesta situação é a mudança de sua posição interna, tornando-a mais coerente com o comportamento publicamente exibido.

Experiências demonstraram que quando menor a recompensa capaz de levar uma pessoa a comportar-se de maneira contraria as suas convicções internas, maior a mudança de atitude que se segue. Quando mudamos realmente nossas opiniões, as novas atitudes provavelmente

são duradouras. Um segundo mecanismo que leva à mudança de atitude tem pouco a ver com o pensar a mais com sentir. Em casos em que a questão é trivial e as recompensas ou pressões são substanciais, tendemos a adoptar novas atitudes sem pensar. Esse tipo de mudança de atitude, entretanto, geralmente é temporário.

3.3.A narrativa de invencibilidade

o que respeita ao desenvolvimento sócio cognitivo as características dominantes desta etapa do ciclo vital são as manifestações do egocentrismo. Piaget referiu que, na adolescência o egocentrismo reaparece de nominando-o egocentrismo operacional formal. Contudo, nesta fase manifesta-se pela crença na onnipotência da reflexão, conduzido o adolescente a autocensurar-se, considerando-se único e acreditando, por exemplo, que os seus pensamentos e experiencias são únicos e totalmente diferenciados dos outros.

Segundo González (2000), o egocentrismo caracteriza-se por uma hipersensibilidade sobre tudo o que se relaciona consigo mesmo. Este egocentrismo reflecte a busca da identidade por parte do adolescente. Como resultado do egocentrismo, uma das imagens distorcidas que a adolescência apresenta na sua relação consigo e com o outro denominado por ELKIND (1970, p. 160), de público imaginário, isto é, adolescente está convencido que é o foco de atenção e de preocupação do mundo e pensam que os outros estão em constante a observá-lo. Por isso, preocupa-se com tudo o que o rodeia ou sucede como, por exemplo: a roupa, o penteado, etc. Como se considera o centro das atenções, pode alterar o seu comportamento de modo a agradar á audiência que, na sua opinião, o observar permanente.

A narrativa ou fábula pessoal é outra das crenças do adolescente. De acordo com esta crença ele é único. O adolescente tem ilusão de que mais ninguém no mundo consegue compreender a forma como ele sente e acredita que somente ele pode sofrer de forma tão intensa, isto é, ninguém consegue imaginar o que ele sente, cada adolescente sente-se único e especial.

Outras das imagens destorcidas que o adolescente apresenta denomina-se narrativa de invencibilidade que, como o enorme indica conduza o adolescente a sentir invencível (ele nada acontece, é imortal, infértil, invulnerável). Como resultado desta imagem, coloca-se muitas vezes em risco, por exemplo: ao não utilizar contracepção (camisinha) nas relações

sexuais (pensando que não engravida e nem será infectado por uma infecção sexualmente transmissível); ao conduzir de forma perigosa; a utilizar drogas, etc.

A narrativa de invencibilidade, associada às práticas poligâmicas, de discriminação relativamente as prática sexuais e ausência género, a muitas e crenças de conhecimento em relação a saúdes sexual e produtiva (o que tem como consequência gravidezes precoce, abortos e incidências das infecções sexualmente transmissíveis) é alguns dos factores que fazem com que este grupo seja actualmente, considerado um grupo prioritário de intervenção ao nível sócio político.

3.4.Influência dos grupos de inserção social

PIRES, E. L, (1991, p.74): “Define o grupo como pluralidade de indivíduos que estão em contactos uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo significativamente importante em comum “.

Segundo VEIGA, Américo (2008), afirma que “ a outra realidade que os educadores devem ter hoje muito presente é a acção dos grupos em que os educandos estão inseridos: com a sua «moral», juízos de valores e ideias modelam de um modo quase observante a personalidade dos membros. Daqui a importância dos grupos e da acção eficiente e lúcida com relação a eles. «Educando sem grupo é, hoje um órfão; e sem um bom grupo e um mão órfão (afirma Veiga, Américo).

Para Shaw & Mc Kay (1969), apud por FONSECA, A. C (2005); afirmam o seguinte: se os jovens adaptam um comportamento anti-social, é porque existe no interior deles uma subcultura na qual o acto de delinquência é tolerado ou mesmo encorajado. Com efeito, quando se observa jovens nos bairros que apresentam uma forte desorganização, constata-se que na qual a delinquência (comportamento anti-social), é aceito como uma conduta normal. Esta constatação foi largamente confirmada desde então, e de comportamento mantêm-se constantes em toda a grande delinquência.

Segundo Sutherland (1974), apud por FONSECA, A. C (2005; p.190), difundiu a noção de associações diferenciais: os delinquentes juntam-se porque partilham certas normas de conduta que lhe são reforçados pelos outros. Indivíduos imensos na mesma cultura e no mesmo processo de socialização vão, portanto ter tendência para enriquecer o seu repertório comportamental no sentido dos valores veiculados no grupo.

Uma explicação do processo que gera a formação de grupos (subculturas) seria o facto de avaliação de criança das classes inferiores ser feito segundo o padrão de medida de classe média, quer seja na escola, família quer mais tarde nas competições no seio da vida social para atingir os fins preconizada pela cultura dominante. Os fracassos causam frustrações e uma má auto-estima o que por sua vez provoca o aparecimento neste grupo o comportamento anti-social.

O comportamento anti-social, que funciona em oposição á dos adultos, baseia-se na procura de um prazer imediato na negação, na perversidade, no desafio. O grupo que se forma pretende ser autónomo em relação ao exterior. Desenvolve-se uma grande solidariedade e tudo o que é externo ao grupo é vivido de modo diferente.

3.5.O uso de bebidas alcoólicas e outras drogas

As drogas são classificadas de três formas: estimulantes, depressores e perturbadores. Os primeiros aceleram o funcionamento do cérebro, como no caso das anfetaminas da cocaína e da cafeína. Os depressores diminuem a velocidade do funcionamento do cérebro e estão presentes no álcool, barbitúricos, solventes. Já os perturbadores são aqueles que alteram o funcionamento do cérebro são encontrados nos alucinógenos primários (caso da liamba).

A milénios, as pessoas têm ingerido substâncias que alteram seu estado de consciência. Relatos escritos de uso de ópio datam de quatro anos a.c., abordaremos agora mudanças de consciência que acompanham o acto de fumar uma das drogas que provocam alterações mentais, a maconha/ liamba. E é fumada por pessoas de todas idades. (Davidoff, L.L. 2001).

Nos vamos buscando a realidade do país, e em particular da província do Uige, falarmos do álcool hoje é dizer que é o maior comércio neste país, província, municípios e até mesmo em aldeias e bairros constatamos que o maior divertimento da juventude é o uso de álcool e drogas (liamba), fruto de desocupação, por uma parte. Por outro lado já não é estranho falarmos do álcool aqui na província. Se formos a estrada que dá acesso a capital do país vemos camiões transportando bebidas alcoólicas do que alimentação, (como um meio de sobrevivência). Quem vende enriquece e quem compra prejudica-se. Passa publicidade.

Os problemas para saúde dos adolescentes de correntes do uso/abuso de álcool e outras drogas (ilícitas) são inúmeros e de várias ordens. Podem-se listar desde os de ordem orgânica

e funcional de sistema do corpo até de ajustamento social, provocados por modificações neuroquímicas que causam prejuízos no controle dos impulsos.

Os principais problemas do universo dos adolescentes estão associados a queda do desempenho escolar, dificuldades em aprender, prejuízo no desenvolvimento e estruturação das habilidades cognitivas comportamentais e emocionais do jovem em questão. Estes vícios podem levar a problemas ainda mais graves aqui provoca a morte do consumidor seja através de acidentes rodoviários, e tantos outros.

Quando a nossa realidade, do país e em particular do município e província do Uíge, que o cultivo da droga mais usada nos bairros é: a bebida tradicional (ma lavo extraído no bordueiro, lunguila e a Liamba (diamba, Maconha), o nome científico estupefaciente, esta última que até mesmo usada não em cigarro, mas também em chá e as vezes é dado como medicamentos em criança e animais domésticos.

Podemos resumir que o álcool está nos incentivos dos comportamentos anti-sociais, já se nota que muitas famílias usam o álcool para dar solução de algumas dificuldades sociais e menor ou recém-nascido como medicamento tradicional, as crianças já crescem com espíritos de alcoolismo, também concordamos com alguns comentários que o álcool supera a malária e SIDA na destruição do ser humano.

Enquanto em Angola a bebida é mais barata que o pão, e ao alcance de toda a gente, o governo dá possibilidade de investimento em fabricas de bebidas alcoólicas duque alimentação, assim, aparece a violência em todos aspectos (doméstica, sexual e física) e tanto os crimes ou delinquência que tem sido noticiado ou reportado pelas mídias nacionais e estrangeiras.

3.6.A influência da mass média

Qualquer jovem do nosso tempo passa horas, todos os dias, sob as influências dos meios de comunicação de massa. Para esses jovens, a tecnologia áudio visual é uma fonte inesgotável de entretenimento e de informação. A escola, ao contrário, ainda é um lugar afastado dessa sua realidade habitual, adolescentes e jovens preferem, sem dúvida, o fascínio do televisor doméstico às normas de aprendizagem da escola.

As tecnologias de massa colocam acção nas zonas profundas da mente dos jovens e dos adultos em geral. E as imagens que transmite à população, cada vez mais numerosas e mais

densas, na maioria das vezes não são extraídas do ambiente quotidiano e tampouco têm, à primeira vista, algo que se relacione com ele.

Tem sido impossível para os pais evitar alguns tipos de desajuste na psique do jovem, se não tiver conhecimento, pelo menos sumário, do que acontece no pequeno universo dos jovens e expostos à média. As repercussões são evidentes na conduta moral, no relacionamento com os adultos, com a família, com a sociedade e mais. E os desajustes manifestam-se na maneira de os jovens se comportam diante das regras da vida civil e na concepção que fazem do ser humano, do mundo e da vida.

Segundo Vidal Beneyto (2001, 276), afirma que as pesquisas do campo apresentavam resultados díspares, pois em alguns casos televisão induziu o comportamento desajustado, em quanto em outros serviu para conjurá-los, todos concordaram em considerar que a grande quantidade de distúrbios mentais, chantagens, brigas, violações e mais, exibidos diariamente nas programações, têm como resultados a insensibilização e a brutalização, ou seja, resulta em maior familiarização relativa a um desvio comportamental dos jovens na vida real.

Embora tudo o que já dissemos influência no desvio comportamental dos adolescentes e jovens, o alto consumo da mass média presente nos estratos sociais mais baixo, representa unido a outros factores, a base dos decorrentes problemas da socialização.

Não estamos afirmar que a televisão é responsável pelo desvio comportamental dos jovens e adolescentes mas sim, que aqueles que têm menos estímulos para os estudos ou uma ocupação, encontram nela um passa tempo alternativo, sem falar na sedução prazerosa que rivaliza.

4. Metodologia

O presente artigo descreve pela sua origem explicativa e exploratório, com uma abordagem metodológica qualitativa. O estudo, fundamenta-se pela necessidade de perceber o ponto de vista dos pais sobre as causas do desvio comportamental aos adolescentes, por outro, este estudo buscou encontrar como os sujeitos encaram o desvio comportamental dos adolescentes do Bairro Papelão no Município do Uíge.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu ser mais um contributo para o conhecimento da opinião dos pais sobre as causas do desvio comportamental aos adolescentes do Bairro Papelão no Município de Uíge. Foi nossa preocupação profunda as causas do desvio do comportamento que ocorrem com maior frequência nos adolescentes.

Os adolescentes e jovens que apresentam problemas de comportamento desajustado podem, com o passar dos anos e na ausência de intervenções adequadas, vir a desenvolver um transtorno de personalidade anti-social, caracterizado por um padrão persistente de desconsideração em relação aos demais e de violação das regras e leis. (FARRINGTON, apud DÉBORA, 2002).

Realmente, os comportamentos desviantes dos adolescentes, muitas das vezes são resultado da dificuldade que os mesmos passam em não ter capacidade de ultrapassar os obstáculos inerentes a esta fase de desenvolvimento. Portanto a escassez de métodos sociais capazes de moldar e harmonizar no seio dos adolescentes, sobre como devem ultrapassar os seus problemas do dia-a-dia, preocupa a sociedade Uígensse.

O problema dos desvios de comportamento tem implicado, desde há muito, dilemas de explicação entre factores biológicos e do meio. Os desvios de comportamento têm sido referidos indistintamente como doenças, desordens mentais ou psicológicas. Para (AGENTON, S, 1985).

Desta feita, percebe-se que, a perda do hábito do diálogo entre os membros de uma mesma família, constitui graves problemas que deixa grande parte dos adolescentes de forma desapercibida e abandonada, gerando factores de comportamentos desviantes que tem afligido no seu modo de vida.

Conclui-se portanto, que são várias as causas que tem influenciado no desvio comportamental dos adolescentes entre elas, as biológicas e sociais. O imediativismo, afalta de acompanhamento dos pais e encarregados de educação aos seus educandos, as condições sócio-económicas, o uso excessivo de bebidas alcólicas, os grupos de inserção social, a culturação, o mau uso das redes sociais e tantos outros.

1. Pedro Miguel Cuano ; 2. Mafuamau Álvaro

6. BIBLIOGRAFIA

AGENTON, S. et al, (1985), *Explaining Delinquency and Drug Abuse*, Sage Publications, California.

AGRA, C (1986) *Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado: modelo de psicologia epistemanalítica*. Caderno de Psicologia de consulta Psicológica.

BECKER, H.S. (2008) *Estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Zahar.

Aníbal J. R. Simões (2021) *Representações sociais sobre a inclusão social dos jovens angolanos residentes em Luanda*.

Birman, J. (2006). *Tatuando o desamparo: A juventude na atualidade*. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescente* (pp. 25-44). São Paulo: Escuta

BRACONNIER, A & Marcell, D (2000) *As mil fazes da adolescência*. Lisboa: Climepsi editores.

Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolh

DAVIDOFF, L. (2001) *Introdução à psicologia*, 3ª edição, São paulo: Person Makron Books.

DÉBORA, F. MACAGNAN DA SILVA (2002) *Desenvolvimento da trajetória do comportamento delinquente em Adolescentes Infratores*. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre.

EAGLY, S.(1983). *Gender and Social Influence*, Ed. Psyclol, Amer.

ELKIND, D. (1972). *Crianças e Adolescentes: Ensaio Interpretativo Sobre Jean Piaget*. Zahar Editores Rio de Janeiro, Brasil.

ENCICLOPÉDIA DE SIGNIFICADOS (2011-2023) *Todos os direitos reservados*.

FARRINGTON, D. P(1995)

FONSECA, A. C. (2005) *Comportamento Anti-Social e Família*”. Coimbra: Almeida.

FONSECA, C. (2000) *Bandidos e mocinhos: Antropologia da violência no cotidiano*. Humanas Porto Alegre.

GONZÁLEZ, (2000). *Os Adolescentes Por Dentro*. Edições Salamanka Lisboa.

1. Pedro Miguel Cuano ; 2. Mafuamau Álvaro

GRIFF, M. C. (2011) *Chaves da psicologia do desenvolvimento*, tomo 2: A adolescência vida adulta, velice. 8ª edição- São Paulo: Paulinas.

Kearney, A. (2008) *Compreender a Análise Aplicada Do Comportamento*. Porto: Porto Editora.

LEMERT, V. C (1974) *Sociological Theory and the Relativistic Paradigm*. Sociologicalinquiry.

Moreira, D.F. C (2017) *Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti*.

Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século

Parrott, L. (2003) *Adolescentes em conflito*. São Paulo: Vida (vol.1).

PIRES, E. L & FERNANDES, A, S.(1991) *A Construção Social da Educação Escolar*. Porto: Asa. Lisboa.

PIRES, E. L & FERNANDES, A, S.(1991) *A Construção Social da Educação Escolar*. Porto: Asa. Lisboa.

REGIER, D. A., MYERS, J. K., KRAMER, M., Robins, L. N & Locke (1984) *The NIMH epidemiological catchment area program*. Arch. Gn, Psichat.

ROGERS, C.R (1985) *Comentários feitos numa palestra realizada no encontro anual da American Psychological Association, Los Angeles*. Citado em Bennett, D. Outubro.

ROGERS, W & MEWBORN,R.(1976) *Fear Appeals and Attitude Change*. Psychol, Amer

SANTOCK, J. (1996) *Psicologia*. 7ª Edição, s/e. Brasil.

VIEGAS, A. (2005) *A Educação hoje 5ª Edição*. Lisboa.

WEITEN, Wayne, (1989), *Psychology, Themes and Variations*, Brooks/Cole Publishing Company, California.

WHRYBROW ZBURG (1983) *Criança e Adolescentes: Ensaio Interpretativos Sobre Jean Piaget*. Zahar Editore. Rio de Janeiro.

ZASSALA, C (2017) *Psicologia Social-compreensão da interação humana*. 1ª edição,Luanda, Mayamba editora.